CENAS DE UMA VIDA EM BUSCA PELA DOCÊNCIA: EPISÓDIOS (AUTO) BIOGRÁFICOS ENTRE ATOS DE SOMBRAS E LUZ.

SCENES FROM A LIFE IN PURSUIT OF TEACHING: EPISODES (AUTO) BIOGRAPHICAL BETWEEN ACTS OF SHADOWS AND LIGHT.

Tatiana Spíndola Hossein[1]

Resumo

Este texto traz em seu corpo as marcas de uma vida em busca pela docência, por meio de episódios (auto) biográficos que vêm emergindo a partir de um autorretrato apresentado com teatro de sombras, numa disciplina do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), resultante das relações estabelecidas com a minha vivência enquanto aluna da graduação e as teorias estudadas com o Grupo de Pesquisa – Profissionalização Docente e Identidade (GRUPRODOCI) –,, do qual sou bolsista PIBIC/CNPq desde 2007, e que tem por objetivo, o da Investigação-Formação, a fim de estudar o processo de formação profissional e identitário de profissionais que ingressam no mestrado e doutorado na FACED/PUCRS, utilizando-se da metodologia das narrativas autorreferentes. As leituras teórico-metodológicas partem de Abrahão (2001; 2004; 2006; 2008), Catani (1994), Souza (2006), Nóvoa e Finger (1988), Dominicé (1990), Pineau (1990; 2006), Josso (1995; 2004; 2006), possibilitando a reestruturação do conhecimento de si e do outro.

Palavras-chave: (auto)formação; (auto)biografia; história de vida; teatro.

Abstract

This text is a narrative that brings in its body the marks of a life in pursuit of teaching, through episodes from an (auto) biography that are emerging from a self-made portrait in a shadow theater, for a content at Pedagogy Faculty of Education (FACED), at Catholic University of Rio Grande do Sul (PUCRS), resulting from relationships established with my experience as an undergraduate student and theories studied in the research group – Teacher´s Identity and Professionalization (GRUPRODOCI) –, of which I have a scholarship (PIBIC/CNPq) since 2007; the research has as objective, the Research-Education, in order to study the process of teacher education and professional identity of teachers who attend the master and doctorate courses at FACED/PUCRS, using the methodology of self-referential narratives. The theoretical and methodological readings from Abrahão (2001; 2004; 02006; 2008), Catani (1994), Souza (2006), Nóvoa e Finger (1988), Dominicé (1990), Pineau (1990; 2006), Josso (1995; 2004; 2006), allows the restructuring of knowledge of the self and the other.

Keywords: (self-) training, (auto) biography, life story and theater.

[1] Aluna do Curso de Pedagogia da FACED/ PUCRS; Bolsista PIBIC do Grupo de Pesquisa **Profissionalização Docente e Identidade: GRUPRODOCI**, do Programa de Pós-Graduação da FACED/ PUCRS, desde janeiro/ 2007, sob a liderança da Profª. Drª. Maria Helena Menna Barreto Abrahão; Voluntária do Setor de Educação Popular da AEC-RS; thatyspiho@gmail.com

Artigo recebido em julho de 2010; aprovado em setembro de 2010

Abriram-se as cortinas do espetáculo, logo nos primeiros dias do mês de maio de 1974, quando entrei pela primeira vez nos palcos da vida, já buscando construir uma história, talvez, seguindo o roteiro da lógica familiar, talvez rompendo com as tradições, mas, isso só o tempo seria capaz de dizer.

Entre cuidados, afagos e puxões de orelha aprendi a escutar os primeiros sons, a pronunciar as primeiras palavras, a dar os primeiros passos, ora para a dependência, ora para a autonomia em busca do novo, do desconhecido, do desafiador por meio das tantas brincadeiras com as bonecas de papel, com meus irmãos e amigos, que me possibilitaram, também, criar um mundo só meu, com príncipes, bruxas e fadas, que me foram apresentados nas histórias que mamãe me contava antes de dormir.

O imaginário fez parte dos meus cenários desde o princípio, quando ainda pequena ousava criar minhas próprias histórias aventureiras, posteriormente relatadas aos mais próximos.

O tempo passa... a vida também, e quase num passe de mágica, mudou o cenário. Aos quatro anos minha mãe me levou para um lugar ora estranho, ora familiar, pois era um prédio de madeira como minha casa, com sala ampla e cortinas nas janelas, porém, com mesas e cadeiras bem pequenas, com cheiro de giz de cera, muitas crianças do meu tamanho com aventais - azul para os meninos e rosa para as meninas - além da presença de uma mulher de estatura baixa, usando óculos e que ficava o tempo todo dizendo o que fazer ou não fazer naquele lugar, que mais tarde descobri se chamar escola.

Na escola aprendi a aprender que diferentes mundos existem e, se caso aquele mundo que você gostaria de encontrar ainda não exista, é possível inventá-lo, desde que siga algumas formalidades.

Andando entre diferentes personagens, roteiros e cenários, apresentou-se em meu caminho um novo episódio, que embora não tenha sido clara a minha dedicação por sua busca, acabou desvelando-se com força e determinação, e quando me percebi estou aluna da Graduação no Curso de Pedagogia e Bolsista PIBIC do grupo de pesquisa denominado "Profissionalização docente e Identidade: narrativas na primeira pessoa", do qual participo desde janeiro/ 2007 e, que tem por objetivo investigar, através dos seminários de Investigação-Formação, como se dá o movimento da formação continuada e identitária dos alunos (mestrandos e doutorandos) da FACED/ PUCRS e, a partir dos resultados, reelaborar as teorias aplicadas na prática de cada um.

Entre ensaios, apresentações e representações, reavivam-se as histórias que eu criava na minha infância, com mundos só meus, atravessados neste momento pelas mais variadas experiências e vivências que a vida me possibilitou, talvez me fazendo acreditar que:

> Ser professor é profissão de pessoas sonhadoras, generosas e altruístas. Arquitetos de gente que, em geral, não chegam a ver seus projetos humanos prontos. Engenheiros de idéias que não entregam suas construções concluídas. Médicos que não curam a febre do conhecimento. Advogados de inocentes perseguidos pela ignorância. Artistas visionários de obras incógnitas. Escritores frenéticos de versos esquecidos. Maestros pacientes na afinação de orquestras sem partituras. Contudo, o ofício de ensinar também é o palco freqüente de apresentações tensas e de atores incompreendidos. Ainda que os professores sejam iludidos (engano e manipulação?) ou seduzidos (cegueira e paixão?) por narrativas utópicas e ficções quixotescas, não há como deixar de prestar atenção na precariedade do palco e do cenário. Será que o enredo e o empenho dos atores são suficientes para convencer? Os professores são os atores e os dramaturgos da educação, mas onde estão os patrocinadores e produtores, dos quais dependem as condições para um bom espetáculo? Se a crítica arrasa a obra medíocre, muitas vezes, mais do que as carências dos artistas, isso se deve aos pobres recursos disponíveis... E, ainda assim, os professores se dedicam ao seu necessário espetáculo mambembe de todos os dias. O show não pode parar! (FERREIRA, 2006, p.9).

E, é deste ponto que partem as minhas reflexões enquanto movimento-me em busca pela docência-decência, estando ainda na discência, numa relação de interconecções teóricas, sociais e vivenciais que desdobram-se em potencialidades e contradições, as quais discutem incessantemente entre si, dentro do meu próprio ser.

No GP as narrativas auto-referentes são instauradas a partir da leitura dos memoriais dos alunos, no seminário de Investigação-Formação, são relacionadas com as leituras teórico-metodológicas que fazemos a partir dos estudos de Catani (1994), Souza (2006), Nóvoa e Finger (1988), Dominicé (1990), Pineau (1990; 2006), Josso (1995; 2004; 2006) e, possibilitam a reestruturação do conhecimento de si, do outro e dos diferentes contextos, partes importantes para a articulação de uma boa interpretação, capaz de criar uma atmosfera de convencimento ou aproximação acirrada da realidade.

Tenho pensado com esta lógica, a narrativa como meio de ampliar a minha consciência, pois ela possibilita uma forma de (re) pensar as relações, o que pode redirecionar a compreensão do mundo. Isto, porque, como nos ensina Alarcão (2001), a narrativa traz em seu bojo um processo interpretativo, que permite uma releitura do vivenciado e experimentado, resultando em uma tecedura entre o que foi e o que está sendo.

Tenho buscado aguçar esta percepção através das observações que venho fazendo sobre minha busca pela docência, podendo destacar a maneira interessante como me coloco

diante de fatos, que em algum lugar e momento, tiveram significações, dando um novo sentido para o vivido, ou seja, re-significando e construindo-reconstruindo a minha própria identidade, num movimento constante de metamorfose (CIAMPA, 2001b).

Diante as narrativas e as histórias de vida que cruzaram meu caminho rumo à docência, me permiti aventurar, assim como nos meus primeiros ensaios para a vida, prezando pelos desafios, os quais me demonstram representações significativas diante dos fatos já vivenciados ao longo dessa trajetória de busca pessoal-profissional.

Foi numa destas situações desafiadoras que fui solicitada, por um dos meus professores, no 3º semestre do curso, para escrever meu autorretrato a partir de abordagens das diferentes formas de utilização das linguagens.

Escolhi produzir um material, que além de contar-me, fosse capaz de colaborar na instrumentalização das minhas colegas de turma, caso algum dia, em sua prática, necessitarem articular com situações inesperadas ou inusitadas, que não contemplasse acesso aos materiais pedagógicos que somos acostumadas a ter na nossa universidade.

Esse é um fato interessante da minha formação, pois sempre tive a preocupação em trabalhar com o reaproveitamento de materiais, com diferentes recursos e coisas do tipo. Inclusive, recordo de uma situação enquanto aluna no Ensino Médio, em que fomos requisitados a pesquisar e apresentar a pesquisa para a turma, sobre os índios Ianomamis. Enquanto os meus colegas se preocupavam em redigir o texto mais completo, para garantir boas notas, tive a preocupação, mesmo sem dar-me conta naquele momento, de tornar minha apresentação significativa para todos, inclusive para eu mesma e, sem piscar os olhos, criei um monólogo, utilizando-me de representações indígenas comuns a todos. Ainda hoje, sinto vibrar em minhas lembranças a emoção de perceber a comoção por parte da minha professora e dos meus colegas, que mesmo tendo passado muitos anos, ainda recordam minha ousadia, quando nos reencontramos pelas casualidades da roda viva da vida.

Diante das circunstâncias tive a idéia de contar-me utilizando luz, sombras e fragmentos de músicas que permearam a minha história de vida, cantadas por mim, e selecionadas de forma a contribuir para a trama do texto, naqueles recortes específicos da minha trajetória, selecionados para este fim.

Ao apresentar na luz, sombras de mim, narrando minha história, percebi a riqueza das diferentes formas de narrar de si. Para que seja possível criar uma aproximação do lugar de onde me coloco, apresento fragmentos da minha história com cenas que variam entre sombras e luz:

Neste momento, vou apresentar para vocês: EU.

Quando eu nasci, todos diziam:

"Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça é essa menina que vem e que passa...[2]"

Mas, o tempo passou, eu cresci e entrei para a escola:

"Quem sabe ainda sou uma garotinha, pegando o ônibus da escola sozinha..[3]."

Nessas idas e vindas, um dia, conheci alguém:

"Não posso ficar mais nem um minuto sem você, sinto muito amor, mas, não pode ser...[4]"

Eu só pensava no:

"Amor da minha vida daqui até a eternidade, nossos caminhos foram traçados na maternidade...[5]"

Eu ainda estava no Ensino Médio e um dia cheguei na minha casa dizendo:

"Mamãe eu acho que estou ligeiramente grávida. Mamãe não fique pálida. A coisa não é tão ruim. Lembre-se que um dia você já ficou assim..[6]."

Meu pai ao escutar o que eu dizia para mamãe, não agüentou e me disse:

"Te controla garota, teu problema é mental. Eu to muito quente, tu ta muito mal e se tu pular fora agora, não vai ser legal..[7]."

Confesso que não foi nada fácil. Precisei parar, pensar, tentar colocar as idéias em ordem. Então, decidi encarar meu marido, nossos filhos, que hoje são cinco, e junto com eles:

"Brincar no quintal pra renascer a criança, moleque levado, saci Pererê, que quer correr solto no mato, mas vive trancado dentro de você...[8]"

Porém, chegou um tempo em minha vida, quando eu já estava com trinta anos, que eu parei para pensar sobre a minha própria vida, as minhas escolhas, a minha situação naquele momento e, como num encanto, algo na vida me disse:

"Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer..[9]."

(ENEM/ PROUNI) e, quando eu percebi eu já estava na FACED/ PUCRS. Nesta ocasião eu disse pra mim mesma:

---

[2] Trecho da música Garota de Ipanema, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes. In: JOBIM, Tom. Tom Jobim Inédito. BMG, 1987.
[3] Trecho da música Malandragem, de Cazuza e Frejat. In: Cássia Eller 2, 1994.
[4] Trecho da música Trem das Onze, de Adoniram Barbosa. In: Meus Momentos, 2004.
[5] Trecho da música Exagerado, de Cazuza/Ezequiel Neves/Leoni. In: O tempo não pára. Universal Music Brasil, 1989.
[6] Trecho da música ligeiramente Grávida. In: O espírito da coisa. Top Tape, 1986.
[7] Trecho da música Te Controla Menina, de TNT. In: TNT Ao Vivo, 2004.
[8] Trecho da música Quintal, de Bia Bedran. In: Quintal, Niterói Discos, 1991.

[9] Trecho da música Pra Não Dizer Que Não Falei Em Flores, de Geraldo Vandré. In: Pérolas, 2000.

"Bate outra vez a esperança no meu coração, pois já vai terminando o verão, enfim...[10]*"*
Desde então eu digo para a vida:
"Oh! Leva eu, leva, leva, leva também o meu amor...[11]*"*
Mas uma coisa é certa:
"Eu sou feliz porque eu sonhei pra mim. Eu sou feliz porque eu olhei pra mim. Olhar pra mim não foi tão fácil assim. Olhei pra mim e me descobri assim..[12]*." (com uma representação distorcida daquilo que realmente eu era).*
Vejam: "Tudo, tudo pode acontecer...[13]*"*
Mas o mais importante é "Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar, e cantar, e cantar a certeza de ser um eterno aprendiz..[14]*."*
Houve o tempo em que me chamavam de pequena. Depois veio a época da brincadeira. Nem brinquei direito, e virei namoradeira. Namorando inventei de brincar... Ah! Não deu outra: me tornei parideira. Eu disse: minha filha, "te vira nos trinta". E, entre tantos afazeres: escola, ônibus, filhos, casa e tudo mais. Hoje sou uma nova criatura no cenário das travessuras, mas uma coisa é muito importante lembrar: Sorriam Sempre!!! Esta é minha eterna mensagem do e-mail e do celular. Agora, depois de contar um pouquinho de mim para vocês, eu não poderia deixar de repetir: "Viver e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar, e cantar, e cantar a certeza de ser um eterno aprendiz..."

Num primeiro momento fiz esta apresentação atrás de um lençol, o que me impossibilitava de ver as expressões, ficando distante do grupo que estava assistindo, na ocasião minhas colegas de graduação, e o GP numa outra instância, porém, em outros momentos que sucederam a estes, tive que ficar de frente para a platéia, pois meu lençol já estava limitado à quantidade de presentes, tendo que adaptar a apresentação ao retro-projetor. E, nesta adaptação, fui contemplada com as expressões das pessoas que ali estavam, e que de algum modo me passavam um brilho no olhar, a vontade de cantar certos trechos das músicas apresentadas, o sorriso de reconhecimento e, até mesmo, o despertar da emoção, que em alguns casos levou às lágrimas.

Mosquera (1978) já apontava em suas discussões sobre a necessidade da formação integral da pessoa do professor, destacando a importância do conhecimento profundo de si:

---

[10] Trecho da música As Rosas Não Falam, de Cartola. In: Cartola, 1976.
[11] Trecho da música Leva Eu. In: Millennium: Banda Eva, 2002.
[12] Trecho de música Eu Sou Feliz, de Padre Antônio Maria. In: Festa da Fé, 1999.
[13] Trecho da música Quando Gira o Mundo, de Fábio Júnior. In: Fábio Júnior Ao Vivo, BMG Brasil, 2003, Vol.2.
[14] Trecho da música O que é, O que é, de Gonzaguinha. In: Série Identidade: Gonzaguinha, 2002.

> Torna-se necessário, portanto, ir ao âmago da interioridade da pessoa e descobrir sua capacidade de sentir, pensar, agir, suas crenças, sua evolução, seu declínio. Enfim, o homem deve ser entendido na sua circunstância e na sua experiência e, somente assim, teremos a possibilidade de um conhecimento mais efetivo da verdadeira essência da humanidade (p.19).

Entre as sombras e a luz, percebi um instrumento metodológico para facilitar e sensibilizar as pessoas para falarem de si, ou, ao menos, pensarem sobre si, nos mais diferentes contextos, logo, tenho observado que os meus fragmentos, também são fragmentos deles e, "quando eu me conto o outro também se encontra" (HOSSEIN apud ABRAHÃO, 2008, p.460).

Talvez, por estar submersa neste processo de (auto) biografia e (auto) formação, em múltiplos cenários narrativos, eu seja a parte mais afetada por todo este processo que se instaura a partir do momento em que inicio a primeira fala do texto narrado entre sombras e luz, pois o fato de interagir ativamente com tantos olhares, comentários e narrativas que emergem no ato, seja o cerne deste trabalho que surgiu de um momento criativo para ilustrar um autorretrato, para uma disciplina de linguagem. Há, nesta circunstância, o surgimento de um diálogo bem aproximado comigo mesma, e pelo que me é possível perceber, com cada um que ali está a me ver/ouvir, entre um fragmento e outro, conectando-se com nossas pluralidades, mas, também, com nossas singularidades, percorrendo um rápido caminho de busca de si, pois a busca de significados parece ser uma constante quando se trata de projetarmo-nos além de nós mesmos.

É, também, neste momento de autoconhecimento (MOSQUERA, 1978, p. 46), que percebemos a formação identitária como metamorfose, pois não possuímos nenhuma aquisição definitiva, mas devemos nos fazer e re-fazer constantemente. Estes momentos são aqueles momentos em que nos encontramos numa bifurcação da vida e necessitamos optar por um dos caminhos, ou seja, fazer escolhas, as quais se amparam nas experiências pessoais e nas expectativas de cada um, podendo potencializar a ampliação da consciência que temos sobre nós mesmos, assim como dos próprios limites e possibilidades, os quais vão formatando nosso ser no mundo.

Nesse sentido, é impossível não 'caminhar para si' enquanto é gestada a formação, e isso já era afirmado:

> O que está em jogo neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais

> consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para ser um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade (JOSSO, 2004, p.58).

A cada nova apresentação que faço[15], tenho experienciado a grandiosa profundidade de olhar para dentro da minha própria história, como sujeito e protagonista, mas especialmente, como criadora e roteirista dos fragmentos que aponto na minha trajetória vivencial, ofertando aos espectadores a possibilidade de olharem para as suas próprias histórias, estabelecendo, talvez inconscientemente, relações com aqueles fragmentos meus, pois como aponta CIAMPA (2001b, p.59), "a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele", mesmo que isso possa parecer ou ser uma contradição, mas, "ninguém muda apenas interiormente, nem sozinho" (op.cit.p.114).

Elaborar o texto do autorretrato, anteriormente citado, me fez parar por alguns minutos e repensar a minha vida, as coisas que tiveram/têm importância, as pessoas e os fatos que mais marcaram, as músicas que fizeram/fazem sentido, os momentos *charneira*[16] e a partir destes pontos selecionados, me foi possível criar e re-criar novos cenários formativos para a minha trajetória de busca pela docência, estabelecendo diferentes representações da realidade no campo da formação.

Socializar a minha autodescrição diante de uma pluralidade de conceitos e diferentes formas de subjetividades, foi mais amplo e complexo, como jamais poderia imaginar, pois naquele momento distanciei-me da minha própria história e passei a ser intérprete dos meus fragmentos, que de certa forma, permaneciam na sombra do desconhecimento daqueles que ali me assistiam, e de alguma forma, desconhecidos por mim mesma, tamanhas possibilidades que suscitaram no campo da vida, da criação e da formação na construção de novos caminhos para a minha busca pessoal-profissional.

Lobo (2005, p.117), retrata a fundamentalidade de:

> ... tomar formas flexíveis e contingentes na interação dialético-histórica com seu tempo e lugar; que possibilite ao indivíduo fazer uma leitura crítica da realidade e das representações no sentido de que sua atuação nesses espaços concretos e simbólicos seja consciente, diferentemente da constituição de uma identidade borracha, que pela sua opacidade promove a confusão entre o que é da sociedade e o que é pessoal, resvalando para o imobilismo e a fixação de posições.

---

[15] Tenho sido convidada para apresentar o teatro de sombras e luz em diferentes contextos de formação, como em algumas disciplinas do Curso de Pedagogia/PUCRS, Cursos de Especialização PUCRS e UFRGS, Eventos e outros.

[16] Denominação dada por Josso (2004) aos momentos de decisão ou escolha, que não têm volta.

As sombras que emergiam a cada novo momento traziam contornos singulares e formadores daquela história que ali estava sendo cantada-contada e, mesmo mantendo a forma plana, sem perspectivas, foram capazes de criar uma tridimensionalidade na capacidade de abstração dos afetos, das decisões, das significações e dos sentidos imbricados num conjunto contínuo de estruturações e desestruturações significativas de um ato criativo.

Os momentos de ruptura pelos quais passei, tiveram sua essencialidade enquanto se tratando de formação humana, pois foi por meio destes que me foi possível aprender a manter a persistência, a coragem e a criatividade diante de todas as adversidades impostas pela vida e, que de forma alguma me permitiram deixar de sonhar, muito pelo contrário, me ensinaram a lutar pelos meus sonhos, e seguir em busca dos meus ideais, entre eles, o da formação docente.

Ao contrário do que possa parecer, os momentos apontados no meu autorretrato não são apenas marcos na minha história, mas, na sua maioria, são momentos que me causaram dores profundas na alma, em que precisei contrariar as minhas próprias convicções para conseguir superá-los. Foi quase um morrer para renascer, em prol de uma nova realidade que surgia a partir das minhas escolhas, o que não significa que tenham sido as escolhas mais adequadas ou corretas, mas, minhas escolhas naquelas circunstâncias. Essas escolhas, hoje, são partes intrínsecas na minha formação pessoal, pois se as escolhas fossem outras, talvez eu não me configurasse da forma como hoje me encontro, em busca pela docência e da minha própria essência enquanto ser humano, numa dimensão mais aprofundada do meu próprio eu a partir da contextualização das histórias de vida que participam ativamente das minhas construções com mais significado[17].

É interessante observar que os conhecimentos que solidificam meus pensamentos na atualidade, foram sendo impregnados em meu ser desde o momento em que fiz minha estréia nos palcos da vida, quando em algum momento, precisei aprender a dividir a atenção da minha mãe com meus irmãos e, logo adiante, da professora com meus colegas e, hoje, me é possível refletir sobre os sentimentos que se passam com os meus alunos quando disputam pela minha atenção nos contextos da escola.

Essa é uma diferença epistemológica de uma trajetória em busca pela docência, capaz de refletir-se enquanto pessoa, mas, potencialmente, enquanto profissional, o que vem constituindo alguns resultados significativos nas muitas construções que se estabelecem a

[17] Como resultante nos momentos de apresentação e discussão do teatro de sombras, como nos momentos de troca por ocasião das reuniões no Seminário de investigação-Formação e nas reuniões do Grupo de Pesquisa GRUPRODOCI, na FACED/PUCRS.

partir das fronteiras vivenciais de cada pessoa, as quais permitem-se abrir ao novo, contemplando novos roteiros, criando novos cenários e, principalmente, permitindo que novos personagens se corporifiquem, iluminando novos caminhos para a vida.

Não posso imaginar-me com os braços cruzados sobre a classe, enquanto discente, a não ser que queira romper com a lógica de estar inserida na sala de aula e, isso remete meus pensamentos para tudo que circundou os meus contextos educacionais desde tenra idade, quando muitas vezes fui obrigada a permanecer aprisionados pelos próprios braços, logo após terminar as atividades, como se meu corpo aprisionado pelos meus próprios braços pudesse conter meus pensamentos saltitantes.

Sair de trás do lençol, enquanto produtora de sombras e luz me trouxe esse sentimento de aprisionamento liberto, pois meu corpo sentia a necessidade de participar intensamente daqueles fragmentos encenados por moldes, mas intima e profundamente imbricados de cada célula, de cada suspiro, de cada fio de cabelo do corpo, que até então se ocultava.

Esta, talvez, seja a singularidade de viver, pensar, sentir, narrar e escrever sobre as próprias experiências de vida, as quais denunciam sempre sobre as diferentes formas possíveis de construir o conhecimento, o qual não depende somente da escola, dos professores ou outro qualquer, mas das relações que estabelecemos com o universo circundante do aprendizado.

Esta racionalidade que venho desenvolvendo sobre os estudos (auto) biográficos e de (auto) formação me são possíveis diante das leituras que venho fazendo durante o processo de participação no GRUPRODOCI, das relações que tenho estabelecido com a minha própria formação e, de acordo com Josso (2006, p.24), com o reconhecimento das aquisições experienciais que se integram no meu processo de aprendizagem.

As sombras que carrego em minha própria história, apresentam-se, também, na minha trajetória de formação, porém, hoje, procuro identificá-las e potencializá-las de forma a contribuir com o meu crescimento intelectual e cognitivo, a fim de trazê-las à tona com o propósito de não ser surpreendida pelo caminho posteriormente, quando estas acabam emergindo de uma forma ou outra, em episódios que muitas vezes não estão descritos no *script*.

Já a luz passa a ter um poder de incendiar-me internamente, estimulando a falar sobre as coisas que me foram importantes, a reconhecer-me como sujeito da minha própria história, assim como da minha própria "libertação a que não chegarei pelo acaso, mas pela *práxis* da minha busca: pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela" (FREIRE, 1987, p.31).

Minhas narrativas, neste caso, trazem em seu bojo, segundo Alarcão (2001), um processo interpretativo, que me permite uma releitura do vivenciado e experimentado, resultando em uma tecedura entre o que foi e o que está sendo, possibilitando-me vivenciar a narrativa segundo o conceito apresentado por Abrahão (2006), segundo o qual a narrativa tem uma tríplice dimensão:

• Como fenômeno: ato de narrar-se;

• Como metodologia de investigação;

• Como processo de ressignificação do vivido.

Shulman e Colbert (1989), quando apresentam seus estudos sobre as práticas profissionais, consideram as narrativas sobre essas práticas como elementos catalisadores, que induzem à reflexão sobre a própria profissão, neste caso, minha busca e formação articulam-se constantemente, num movimento quase oceânico, que varia conforme a profundidade e as forças dos ventos que circulam sobre as águas.

Penso que a criatividade é "indispensável uma vez que se trata de elaborar os instrumentos, procedimentos e simbolizações que dão significados ao que se vive e se aprende", tornando assim, a formação em "busca e obra" (JOSSO, 2006, p.30), em que os limites suscitam muitas possibilidades, entre estas, a obra que concretiza-se em cada ato, em cada cena, com narrativas elaboradas para dar conta da continuidade destes movimentos criativos da invenção de si, no cenário da vida e formação.

Agora tenho consciência de que sou autora da minha própria formação, das escolhas que tenho feito diante dos caminhos que tem se posto à minha frente e, responsável pelos meus objetivos profissionais, não estando estes separados da minha vida pessoal.

Portanto, para ter a capacidade de inventar a si mesmo, é preciso transitar entre bons referenciais, bons 'mestres' e um bom projeto de vida e formação, além de desenvolver a introspecção, indispensável para a (auto) formação. Para tanto, é preciso estarmos ligados com o nosso corpo físico, desvelador do biográfico, pois o corpo é a mediação entre o "eu", mais voltado para o indivíduo e o "si próprio", mais voltado para a perspectiva universal do ser, desenvolvedor da qualidade de atenção à consciência, o que serve de investimento na prática cotidiana, e que permite trabalhar com pouco ou quase nenhum cansaço, com grande eficácia e muita criatividade, de forma a introduzir as práticas de introspecção como objetivo de unificar o ser humano na sua completude, já que a qualidade do ser humano é a base para as nossas competências profissionais.

Nesta perspectiva trabalhamos de si para si mesmos, e esta construção se efetiva por meio da reflexão sobre as dimensões do tema, tomando em conta o resgate e a ampliação de

questões pertinentes, paralelas ao desenvolvimento das competências, que são pontes entre o conhecido e o desconhecido.

No processo de investigação há muitas armadilhas escondidas. O conhecimento não é a verdade absoluta, provavelmente, é o compreendido, nem sempre é o óbvio.

Nesse sentido, busco os conceitos anteriormente trabalhados, tendo as narrativas como expoente, pois entre as sombras e a luz, as narrativas também são autorreferentes, geradoras de sentido e significações para a (auto) biografia e a (auto) formação. Segundo Abrahão (2006, p.161):

> As (auto) biografias sendo constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida, é processo de construção que tem a qualidade de possibilitar maior clarificação do conhecimento de si, como pessoa e profissional. Àquele que narra sua trajetória. Nesse sentido, tentamos capturar sinais de compreensão que os educadores desenvolveram, mediante ressignificação do vivido, pela reflexão sobre si e sua profissão docente no momento da narração.

As narrativas transitam pelo universo das memórias, que além de ser seletiva, pelo fato de escolher o que revelar, também é reconstrutiva (ABRAHÃO, 2008, p.455), com capacidade de fazer resgates significativos nas profundezas do ser.

A lembrança é um conjunto de representações; não é o reviver daqueles fatos que foram vivenciados, mas recriar esses fatos passados com os olhos atentos para o que virá. É reconstruir, ressignificar empenhados numa busca de sentidos em ritmo de aventura, pois todo e qualquer sentido suscita movimento, assim como quando em cena nos palcos teatrais.

Alarcão (2004, p.9), já teorizava sobre o ato de narrar como revelador do sentido da vida, onde refere-se que ‘ao ato de narrar subjaz uma atitude e uma capacidade de observar e interpretar fenômenos e acontecimentos inseridos nos contextos da sua ocorrência e nas relações espaciais e temporais’.

Quanto a minha formação, afirmo que me é possível com estas experiências, vivenciar o verdadeiro sentido do desenvolvimento do ‘ser singular-plural’, ou seja, perceber que a sabedoria se constitui a partir do saber viver/conviver consigo e com os outros, desenvolvendo assim as dimensões do meu ser no mundo, sendo capaz de reconhecer as minhas sensações, afetividades, ações e, principalmente, meu imaginário, que me possibilita pensar o impossível – fonte de idéias e comportamentos novos. É a partir deste imaginário que estabeleço as aproximações com o teatro de sombras e luz, criando cenas do vivido, em atos pontuados pelas diferentes músicas, as quais pontuam episódios distintos da minha própria vida, importantes e essenciais para o diferencial na minha busca pela profissão docente num cenário de múltiplos desafios e possibilidades.

Tenho projetado o meu futuro no horizonte, de modo a sustentar as minhas buscas, num movimento permanente de construção do conhecimento, do sentido da vida e, principalmente, da minha história de vida, o que vem anunciando muitas possibilidades, pois a partir das minhas experiências, posso tentar tornar os questionamentos de interesse geral, possibilitando à outras pessoas a tomada de consciência sobre suas escolhas diante da própria formação.

Neste sentido, não é o que está explicitado que interessa, mas o que está latente, nas entrelinhas, na memória ou nas sombras da história de cada um. O óbvio nós conhecemos desde sempre, com suas características singulares, seus contornos, sua profundidade; o que tem me interessado são as coisas que estão por trás desta obviedade, as quais têm fluído da minha própria (auto) biografia e, que têm resultado em muitas significações (auto) formadoras, dando sentido à minha trajetória na graduação.

Conforme, Josso:

> Começamos a perceber que o que faz a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação, por meio da mobilização de uma pluralidade de registros (JOSSO, 2004, p.39).

Venho exercitando algumas possibilidades da síntese e da integração dos conhecimentos agregados na minha trajetória de vida e formação, configurada numa narrativa simultânea de história e reflexividade, por meio de cenas selecionadas pelas minhas significações, pois segundo Josso " a narrativa é centrada na formação e nas aprendizagens do seu autor, orientada por um processo de reflexão para compreender o percurso da sua formação", e logo após, posta em cena autorizando-se a pensar a própria vida (JOSSO, 2004, p.60).

Com as experiências que venho adquirindo, sinto-me plenamente responsável pela minha trajetória, pelas minhas escolhas e pela minha busca da docência, a qual exige um nível de consciência capaz de desenvolver a reflexividade constante, assim como as transformações e decisões necessárias.

Frankl em uma de suas obras, diz:

> O ser humano não é uma coisa entre outras; coisas se determinam mutuamente, mas o ser humano, em última análise, se determina a si mesmo... A pessoa humana tem dentro de si ambas as potencialidades; quase será concretizada, depende de decisões e não de condições (FRANKL, 2003, p.114).

Da mesma forma que o Seminário de Investigação-Formação, as sombras e a luz despertam a percepção de si e do outro; isto ocorre durante todo o processo e, assim como Nóvoa (1992), também eu, percebo o 'mundo que reside na história de cada um', sendo possível ouvir muitos fragmentos daqueles que me assistem ao final de cada apresentação, pois ficam embriagados do desejo de relatar sobre si e sobre as semelhanças que percebem, em comum, nas nossas histórias.

Estar em formação implica investimento pessoal e criativo sobre os percursos e, também, sobre os próprios projetos, quando é possível fabricar os próprios modos de viver, a partir de avaliações constantes sobre os próprios modos de ser-fazer. Tardif (2008, p.29), é objetivo quando se refere aos formadores de professores:

> Se temos a intenção de formar profissionais do ensino (e não apenas técnicos ou artesãos), devemos aderir a uma cultura de avaliação contínua, especialmente quanto ao seu processo central: a formação. Ora, não podemos formar profissionais do ensino se nós mesmos, no papel de formadores e instituição de formação, não agimos como profissionais que aceitam avaliar suas práticas. É necessário, portanto, num programa de qualidade, estabelecer práticas, modalidades e dispositivos de avaliação das práticas de formação.

Considerar o passado é considerar as possibilidades do que pode vir a ser, para isso é necessário extrair de si mesmo, pouco a pouco, com as próprias forças, todas as qualidades e capacidades de ser e estar, a fim de tentar construir um "conceito de si", especialmente, quando se trabalha com a formação de outros professores.

As histórias de vida são potencializadas no processo de formação pela sua intima relação com essas dinâmicas efervescentes, alimentando-se de toda a singularidade e, paradoxalmente, pluralidade deste sujeito que desenvolve novas construções cognitivas a partir das interações estabelecidas entre as novas informações e os sentidos, possíveis geradores de rupturas a fim de criar novas estabilizações para representar os níveis superiores do conhecido.

Enquanto Bolsista PIBIC, sou imensamente grata por todas as possibilidades ofertadas diante das teorizações, das práticas educativas, das metodologias diferenciadas, dos novos conhecimentos transitantes a todo momento; enquanto aluna da Graduação sou incalculavelmente feliz por todas as experiências e vivências que o GP, os meus professores, colegas e outros vêm me proporcionando nesta trajetória de formação, pois de nada valeriam as minhas construções pessoais e, também, profissionais, se estes não se fizessem presentes no processo singular-plural pelo qual estou passando.

Tenho minhas limitações, mas é a partir delas que insisto em acreditar nas possibilidades geradoras de sentidos, pois o ser humano não pode desvincular o que faz do mundo, daquilo que faz de si mesmo. A reflexão do processo de formação é uma imersão consciente na própria experiência.

Esta experiência é uma "experiência formadora"[18] e transformadora, em que precisei despojar-me das minhas próprias entranhas para chegar nas minhas fronteiras, conhecer minhas limitações pessoais-profissionais e, principalmente, as muitas possibilidades no campo da educação, permitindo-me criar novos capítulos para a minha história de vida, servida de cenários espetaculares, com um roteiro que permite a continuidade das minhas buscas entre sombras e luz.

É na dialética entre construções e desconstruções que encontro partes sólidas de uma busca que me apraz no campo profissional, na via da docência, em cenários ora contextualizados, ora descontextualizados, com diferentes personagens, os quais transitam por alguns momentos, num mundo imaginário e perplexo, em que as complexidades da vida e formação se entrecruzam, dando tonalidades tênues ao permitido-imaginado-vivido, nos palcos multiculturais da transdisciplinaridade.

As cenas de uma vida em busca pela docência podem desvendar as singularidades epistemológicas dos pensamentos que se põem na via (auto) biográfica de (auto)formação, permitindo tanto ao autor, quanto aos personagens, produtores e espectadores, a investigação de si, das suas peculiaridades, desde que de acordo com Maturana (2001, p.7), "a vida é um processo de conhecimento; assim, se o objetivo é compreendê-la, é necessário entender como os seres vivos conhecem o mundo".

Sigo minha busca docente pela eternidade, me permitindo fazer novas estréias em palcos ainda não visitados, para, talvez um dia, olhar para trás e reconhecer-me, na inteireza do meu próprio ser, por meio das cenas vividas e experienciadas, com a intensidade devida para cada circunstância.

[18] Termo utilizado por Josso (2004, p.41).

Referências

ABRAHÃO, M.H.M.B. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In SOUZA, E.C. de & ABRAHÃO, M.H.M.B. (Orgs). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006.

_____. Memoriais, memória, trajetórias docentes e formação continuada de professores: a invenção de si em seminário de investigação-formação. In: Org. Edla Eggert... (et al.). *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores*: livro 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 448-464. No prelo.

ALARCÃO, I. (Org). *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade.* Porto Alegre: ARTMED, 2001.

_____Prefácio. p. 7-13. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.). *Identidade e Vida de Educadores Rio-Grandenses: Narrativas na primeira pessoa (... em muitas outras)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CATANI, Denice B. *A didática como iniciação: os relatos autobiográficos e a formação de professores. Ensaios sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos.* São Paulo: Faculdade de Educação, 1994, p. 28-57, Tese de livre Docência, mimeo.

CIAMPA, A. Da Costa. *A estória de Severino e a História de Severina.* São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. Identidade In: LANE, Silvia T.M. & CODO, Wanderley (orgs.). *Psicologia Social – o homem em movimento*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2001.

DOMINICÉ, Pierre. ***L'histoire de vie comme processus de formation***. Paris: Éditions L'Harmattan, 1990.

FERREIRA, Adir Luiz (org.). *Entre flores e muros: narrativas e vivências escolares.* Porto Alegre: Sulina, 2006.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração.* 18. Ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogía do oprimido.* 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

_____. Prefácio IN: SOUZA, Elizeu Clementino de. & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006.

_____. *Experiências de vida e formação.* São Paulo: Cortez, 2004.

_____. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.* Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006, V.1. p.357.

LOBO, Tancredo. *Currículo e Identidade na Educação.* Fortaleza: Livro Técnico, 2005.

MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.* São Paulo: Palas Athena, 2001.

MOSQUERA, Juan J.M. *O professor como pessoa.* 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1978.

NÓVOA. A. *Os professores e sua formação.* Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. & FINGER, M. *O método (auto)biográfico e a formação.* Lisboa: MS/ DRHS/ CFAP, 1988.

PINEAU, Gaston. *Germination des histoires de vie em formation de formateurs.* Éducation-Formation, 217-218, p.69-78, 1990.

_____. As histórias de vida como artes formadoras da existência In: SOUZA, Elizeu Clementino de. & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.* Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006, p. 41-60

SHULMAN, J.H. e COLBERT, J.A. *Cases as catalysts for cases: reflection in teacher education. Action in teacher education.* XI (I0 p. 44-52, 1989.

SOUZA, Elizeu Clementino de. & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs). Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si. Porto Alegre/ Salvador: EDIPUCRS/ EDUNEB, 2006.

TARDIF, Maurice. Princípios para guiar a aplicação dos programas de formação inicial para o ensino. In: Org. Edla Eggert... (et al.). *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores: livro 1.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 17-36.